

Notícias de Guimarães

Ano 17.º N.º 882
 GUIMARÃES, 25 de Dezembro-1948
 Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4313
 Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
 Visado pelo Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

JESUS

S. Lucas diz-nos com infinita delicadeza como foi maravilhoso o nascimento de Jesus. Ou melhor, não no-lo diz, ensina-o.

Há coisas inefáveis, e esta do nascimento de Jesus é uma delas. Só no céu, purificados e transfigurados, poderemos, em êxtase, contemplar, admirar, adorar.

Nenhuma testemunha. Só os olhos santíssimos de Deus eram dignos de contemplar o nascimento virginal de seu Filho-Deus que por amor se faz homem.

De leve, como se escrevesse com pena arrancada de asa angélica, o evangelista S. Lucas nota que a própria Virgem envolve de paninhos Jesus que acaba de nascer e o reclinava numa mangedoura, e que se encontra com S. José ao lado do Menino posto na mangedoura, quando chegam na noite do nascimento os pastores advertidos pelo Anjo; — mostrando assim que o nascimento de Jesus não foi como o das outras criaturas.

A Rosa mística que encantou o coração de Deus conserva toda a sua imaculada formosura. E' Virgem e Mãe em toda a plenitude destes dois grandes nomes, que só nela não são incompatíveis.

Jesus nasceu de Maria assim como foi concebido, por um acto do infinito poder de Deus que do nada criou tudo quanto existe. Nasceu sem dor, na plenitude da alegria, da inocência, da integridade, da frescura da Mãe do Formoso Amor.

O nosso povo diz isto mesmo, numa quadra de cristal:

*No seio da Virgem Mãe
 Incarnou divina graça,
 Entrou e saiu por ela
 Como o sol pela vidraça.*

A piedade cristã, mais penetrante que a pesada erudição, gosta de representar a cena do nascimento desta maneira:

— A Mãe do Amor, de joelhos, arroubada em êxtase, toda inflamada no fogo daquele infinito amor que tem em si, a contemplar a geração eterna do Filho nos esplendores da glória de Deus e o mistério da sua encarnação misericordiosa como homem, e vendo diante de si, como fruto bendito do seu seio puríssimo, Esse que S. Paulo chamou a *graça de Deus* e, de outra vez, a *benignidade de Deus*.

Diante deste Deus, que quis ser seu Filho, reconhece a Mãe cheia de graça que fez Deus grandes coisas nela que é a sua humilde serva. Adora esse Deus-Menino, procurando restituir-lhe na sua humildade a glória de que Ele quis despojar-se ao nascer dela.

Os Anjos contemplam assombrados este duelo: o amor de um Deus que toma por Mãe uma criatura — a Virgem Imaculada; e a adoração da Mãe de Deus que diz a seu divino Filho que se é cheia de graça é obra d'Ele!

Oh! que mar de ternura afoga o coração de Maria! Tudo o que um coração de Virgem e de Mãe é capaz de sentir, no que o amor tem de mais fino, de mais terno, de mais nobre, de mais rico; e um coração imaculado, cheio de graça, com a capacidade íntegra e intacta de amar; e amar como só soube e pôde amar a Mãe do próprio Amor, — este *Amor Formoso* que enche de luz e calor e alegria o céu e a terra; tudo o sentia Nossa Senhora concentrado naquele Menino, que era ao mesmo tempo o seu Filho e o seu Criador!

Filho e Criador que estava ali diante dela, no chão, nu e frágil, reclamando o berço dos seus braços, o calor do seu regaço, o leite do seu peito, a carícia dos seus beijos, o cuidado da sua solicitude!

Tocar-lhe-ia? — Mas Ele era o seu Deus... Não lhe tocaria? — Mas Ele era o seu Filho...

Chora, porém, o divino Menino (como todos os que entram neste mundo) e Maria acorda do êxtase; e toma o Menino-Deus em suas mãos, com o respeito e o carinho de que só é capaz a mãe de toda a pureza e a Rainha das Virgens.

E é assim, com o Menino-Deus nos braços, que a Virgem Santíssima vai atravessar toda a história cristã.

E' sua missão dá-lo ao mundo!

† M. Cardeal Patriarca.

"CAMINHO DE BELÉM"

Caminhai, Virgem-Esposa,
 Ireis breve descansar;
 Já se vislumbra Belém,
 Já oiço os galos cantar.

Naquele "Ave" matutino,
 Saudação terna e ditosa,
 Talhou Deus Vosso destino,
 Tão belo quanto divino;
 — Caminhai, Virgem-Esposa.

Senhora, ides cansada...
 Dia e noite a caminhar...
 De tanta dor aturada,
 Em pobre e humilde pouxada,
 — Ireis breve descansar.

Avante! Por Deus, Senhora!
 Doce Esposa, sereis mãe;
 Antes talvez de uma hora,
 Caminhando estrada em fora,
 — Já se vislumbra Belém.

Já o Presépio se esmalta
 De estrelas a rebrilhar;
 A voz dos Céus Vos exalta
 Pela noite que vai alta;
 — Já oiço os galos cantar.

*
 Virgem-Mãe, Senhora minha,
 No Presépio, por Jesus,
 Destes ao mundo, em resgate,
 RESSURREIÇÃO, VIDA E LUZ.

Natal de 1948

Mendes Simões.



Os três votos de Jesus

E Jesus-Menino
 a sorrir murmurou:
 — Que a paz seja convosco!
 Foi o desejo
 que o seu coração
 formou.

E Jesus-Sábio,
 já um doutor,
 causou admiração
 entre os magos
 daquele tempo.
 — Que a luz seja convosco!
 Lhes desejou.

E Jesus-Cristo,
 na cruz
 que o crucificou,
 bebendo o fel
 da amargura,
 morrendo por quem o matava,
 balbuciou:
 — Que a bondade seja convosco!
 E, por nós, explorou.

«Notícias de Guimarães»

deseja a todos os seus Amigos
 BOAS-FESTAS e FELIZ ANO

A prenda mais cara

CONTO Por Ludovina Frias de Matos

O sino repicava alegremente para a missa do galo abafando o rumor da chuva e do vento.

Toda entregue a dolorosas lembranças, a pobre Rosária não dava pelo festivo sinal!

No ano transacto a «grande noite» fora bem mais feliz para ela. E recordava:

Junto à lareira, de mangas arregaçadas, o João remexia o tacho dos formigos... o Quinzito rebojava-se sobre uma manta de farrapos... e da sua cadeira de entrevada, a boa velhinha que a dera à luz, sorria vagamente...

Tudo mudara muito em pouco tempo!

O filho, doente, amodorrado pela febre, não dava acordo de si: a velhinha repousava no adro à sombra do cipreste, e o seu homem deixara de lhe escrever do Brasil.

Ludibriara-o a esperança que o arrastara tão longe! Sem conseguir trabalho ou o dinheiro da volta, vagueava como um condenado, levando uma vida de misérias e de incomportáveis angústias. Não dava notícias... De que serviam notícias tristes?...

... Sobressaltou-se, a Rosária, e despertou do seu cismar melancólico. Julgara ouvir um débil gemido. Aproximou-se do catre, palpitante, as mãos cerradas no peito, a suster o batejar do coração...

O doentinho perdera as cores afogueadas. Tateou-lhe a fronte, ao de leve. Estava lenta e morna.

— Parece mais sossegadinho, pensou, aconchegando-lhe a roupa ao pescoço.

No lar apagado esfriava a consoada que a fidalga do Outeiro lhe mandara.

Ela podia lá comer! Sentia um nó nas goelas que lhe não deixava passar um bocado!

Só lhe apetecia chorar!

Anichou-se no soalho, com a cabeça encostada à enxerga, a soluçar baixinho não fosse acordar o Quim...

E prostrada de fadiga, aniquilada e lagrimosa, adormeceu pesadamente.

Nesse momento o colmo abriu-se sem ruído — não fosse a Rosária acordar... — e um anjo fulgurante desceu ao desolador tugúrio. Mal tocou o chão com as suas sandálias douradas... Estendendo os braços, ciciou:

— Vem!

E de novo se alou no ar.

— Para onde me levas? perguntou o pequeno.

— Para o céu.

— E como é o céu?

— O céu é tão lindo, tão lindo que não há nada na terra que se lhe possa comparar. Aquilo só visto!...

Tinham chegado. A distância é enorme, mas as asas dos anjos vencem-na facilmente.

Não foi preciso bater. O céu, nesse dia, era um céu aberto!... Festejava-se o nascimento do Redentor do Mundo.

Jesus, por um milagre de ternura, fizera-se pequenino, muito pequenino, em homenagem à Virgem gloriosa que o concebera.

Todos os rostos reflectiam uma alegria sagrada.

Cintilavam as túnicas, ardiam luzes votivas, elevavam-se vozes místicas.

O Quim estava pasmado!

Nunca, nem mesmo em sonhos, vira coisa semelhante.

EGLOGA

Irmão pastor de cândidas ovelhas
 Pelos montados ermos apascento
 O meu rebanho. E apenas me sustento
 De pão e frutos, leite, mel de abelhas...

Segue-me o cão que me mandaste: orelhas
 Fitas e breves sempre alerta... Atento
 Ao mínimo rumor... Aqui só o vento,
 E Deus, nos acompanha. As parcas telhas

Que nos guardam das neves da invernia
 E das noites intérminas de chuva
 Abrigam-nos dos sóis de Julho e Agosto.

Com meu cão parto, o leite, a melancia,
 O mel, o pão, os loiros cachos de uva,
 E a leda, alva lembrança do teu rosto.

INÉDITO-1948.

AMÉRICO DURÃO.

NATAL

O' homens que passais, ó vagabundos,
 O' tristes aleijados, ó leprosos,
 O' ladrões das estradas, ó imundos
 Espectros das tabernas, viciosos;

O' miséria do mundo e doutros mundos,
 O' famintos de vida, ó sequiosos
 De bondade e amor, ó iracundos
 Assassinos brutais; ó monstruosos:

Vosso rumo qual é, homens curvados?!...
 Dizei-me para onde ides, desgraçados,
 Nesta noite, p'ra vós, a mais fatal?!...

Parai, parai, ó monstros! Vinde todos,
 Entrai em minha casa, assim, a rodos,
 Vinde ceiar comigo... Hoje é o Natal!...

NATAL-1948.

AURORA JARDIM.

DELFINO DE GUIMARÃES.

Noite de Natal em Namacunde

O Natal em Dezembro é o mesmo que dizer — o Natal no Verão.

Isto ao Sul do Equador, em que o gelo e as paisagens nevadas são substituídas pela intensa vegetação do Verão que começa.

O meu segundo Natal da Africa, o de 1916, passei-o em Namacunde, na Zona Neutra, juntamente com os nossos camaradas ingleses, parceiros na administração desse território em litígio.

Os ingleses festejam o Natal a 25, nós é que começamos na véspera à noite, com a Consoada tradicional.

O serviço de guarnição era alternadamente nosso e dos ingleses, mas, por pouca sorte, o nosso serviço caiu nesse dia 24, e em compensação os ingleses tiveram-no em 25.

Serviço mais absorvente de noite, porque de dia se limitava a duas sentinela, uma à frente e outra à retaguarda da Residência, mas de noite aumentava para seis vedetas, o que comportava quase o efectivo dos vinte soldados, além das rondas de duas em duas horas até ao amanhecer.

O resto da guarnição ficava de prevenção permanente, mas à vontade, quer dizer, estariam sempre na disposição de ocuparem certos pontos no caso de qualquer incidente.

Ora nessa noite estiveram os nossos soldados de serviço, mas isso não impediu que de algum modo se solenizasse essa data.

Além dos vinte soldados estava um sargento, Moreira, e na Residência o intérprete, Elvino de Brito, da Fazenda, que foi para lá com o capitão Veloso de Castro, continuou comigo e lá permaneceu com o Meneses Alves e Luís Carrelhas, só retirando quando foi nomeado um Residente que falava o inglês, o alferes Pimentel.

Para a Ceia de Consoada convidei o sargento Moreira que era, se não me engano, de Braga, e integrado no tradicional costume da bacalhoadá; os soldados também eram do Minho, de Infantaria 20, de Guimarães.

Preparei-me com antecedência para esta Festa e mandei ir do Lubango batatas, castanhas, nozes, figos, passas, etc., e bacalhau que fosse bom e mais algumas coisas para melhorar o que por lá faltava com frequência, mas que desejava ter com certeza nessa noite.

Das batatas só se pôde utilizar uma certa quantidade, mas ainda fizeram boa figura com o bacalhau, e o resto teve de se deitar fora, por chegarem quase podres.

E lá se organizou a ceia, que estava pronta à meia noite no meu quarto, onde se armou a mesa, que o intérprete e o sargento se incumbiram de arranjar com pratinhos de gulodices, frutas secas e uma garrafa de Vinho do Porto, outra de Cognac Macieira e mais uma de Champagne.

Ao lado, sobre um banco, uma ancoreta de 25 litros de vinho de pasto, de duas que tinham chegado na véspera; várias luzes de velas e do cadeiro de petróleo davam um certo aspecto festivo a esta ceia, tão longe da Família.

Uma grande travessa de rabanadas, de que caberiam duas a cada um dos nossos soldados, e mais um copásio de vinho, esperava a meia-noite para ser levada aos que estavam de serviço, que pensavam na Festa da sua terra e da sua gente.

O meu impedido apareceu com um prato de mexidos, a que nem o mel faltava, nem as amendoas, nem as passas, e que foi surpresa do sargento Moreira, que toda a tarde andou metido na cozinha a conferenciar com o cozinheiro, e a quem eu incumbira de lhe ensinar a fazer as rabanadas.

Eu tinha convidado os ingleses para a nossa Ceia, com antecedência, mas resolversei afinal que cada um solenizasse a sua Festa com os seus, em intimidade e como era costume nas suas Terras.

A' meia-noite dois soldados levaram as rabanadas e um garrafão de vinho e nós abancamos para a bacalhoadá.

Já iam não sei em que iguaria quando se abre a porta com um respeitoso «please» e entram por ali dentro os soldados ingleses precedidos do sargento, impecavelmente fardados, que em passo de marcha cantavam em coro uma canção, por sinal bem mais alegre do que as que por aí ouvimos agora.

Rodeiam a mesa e em correcta posição de «sentido» fazem uma mecânica continência, acompanhada de uma tremenda patada no chão, depois de se calarem.

Eu, é claro, não esperava esta manifestação, que tinha todo o carácter de cumprimentos, e indaguei do intérprete qual era o seu fim.

O sargento inglês, sem sair da sua rigidez militar, disse que vinham apresentar as Boas-Festas e cumprimentar o Residente Português, e na sua pessoa as tropas portuguesas.

O que me pareceu logo foi que, além de certas cortêsias, o que queriam era que os presentiasse com qualquer bebida, de que andavam bastante falhos, tanto mais que o Major inglês não os deixava alargar muito nesse particular, além de só terem na ocasião a NGiva para lhes fornecer bebidas e estas serem ali de preço quase astronómico.

Uma garrafa de Cognac Macieira, ou de Vinho do Porto de qualquer marca, custava nesse tempo no comerciante grego da NGiva, único que lá havia, uma libra em ouro o cognac,

e meia a do Vinho do Porto, e não se arranjava por menos.

As mesmas garrafas no Depósito de gêneros da NGiva custavam cinco tostões e três tostões, mas só apareciam em doses mínimas e lá de longe a longe, de modo que o grego aproveitava as ocasiões.

O comerciante grego chamava-se Cristo Metropoulos e explicava essa roubalheira dizendo que também comprava no Lubango o cognac e Vinho do Porto pelo mesmo preço, mas que por cada arroba de mercadoria pagava três mil e quinhentos de transporte, e ele havia de ganhar alguma coisa.

Como se uma garrafa pesasse uma arroba!

— Bem, diga lá ao sargento que leve esse garrafa de cognac Macieira que aí está.

— Yes, thank you!

E, sem mais preâmbulos, sacou-lhe a rolha, meteu-a à boca e a largos tragos, quase sem respirar, deu-lhe uma avançada de mais de um terço; passou-a ao seu imediato, o cabo, que, para não ficar atrás do seu superior hierárquico lhe arrumou uma golada de igual calibre, e o resto, ainda considerável para qualquer de nós, desapareceu num instante nas guelas do terceiro, que ficou com cara de que ainda ia mais.

— Com seiscentos milhões de macacos, não pude deixar de exclamar: Sapato (era o nome do meu impedido), vai lá à dispensa buscar mais 6 garrafas para estes pândegos.

Nunca tinha visto beber de uma vez e tão depressa tanta quantidade de aguardente, nem mesmo aos pretos, que esses fazem mil cerimónias, como que a adorarem a preciosa bebida, e cheiram-na, e provam-na, dão estalinhos com a língua, riem-se lhe os olhos, vai um golo com suspiros de satisfação, e depois outro, e mais olhares para a garrafa, mais golos, mais estalinhos e suspiros e são capazes de beber mais do que esses três pândegos juntos, mas leva lhes muitíssimo mais tempo, e mostram que têm muitíssimo gosto.

Mas assim, só naquela noite de Consoada.

E lá se foram, depois de muitos «Merrey Christmas» e «Thank you» com nova canção, sempre correctos e rígidos, apenas o sargento acusava um certo desequilíbrio muito compreensível.

Nós acabamos em paz a nossa Ceia de Consoada minhota, em que não gastáramos senão a garrafa de Champagne, alguns cálices de Vinho do Porto e de cognac, se não tivessemos no final a visita do major C. E. Fairlie e do tenente Moroney, nossos camaradas ingleses, que deixaram passar a cerimónia familiar, para nos vir cumprimentar, o que retribuimos no dia seguinte e da mesma forma.

Isto não nos compensava da saudade, mais intensa nessa Noite, em que lá longe, ricos ou pobres, contavam os que faltavam em volta da mesa familiar.

No dia seguinte só se viam, aqui e acolá, soldados ingleses a acabarem a digestão das minhas sete garrafas de cognac, espalhados pelo jardim até à porta da caserna, o que não obteve a que à hora do serviço se apresentassem com a pontualidade do costume, e de ingleses.

Os nossos comeram a bacalhoadá no dia 25 ao almoço, que lhes mandei preparar propositadamente, e deram uma boa avançada na ancoreta dos 25 litros de carrascão, que preferiram ao cognac e Vinho do Porto.

Nem sempre o Natal, naqueles tempos em que tanta coisa faltava aos que se viam obrigados a permanecerem sózinhos, sem mais ninguém com quem desabafassem uma saudade, sem outro meio que não fosse a sua resignação e o dever de se manterem no seu posto, passava, já não digo com alegria, mas ao menos com esta distração.

Há 32 anos...

Jugueiros — Felgueiras.

A de Quadros Flores.

De um projecto de «Memórias».

DR. EGÍDIO SANTOS
(Gastroenterologista)

Mudou o consultório para a Rua de Sá da Bandeira, 260-1.º telefone, 24499 — PORTO.

BRASIL A mestre de vernizes, técnico de tecidos, teares, etc., competentes, que pretendam emigrar para o Brasil, prestam-se esclarecimentos para colocação vantajosa em fábrica importante.
Informa: — A. Silva — Rua Cândido dos Reis, 38 VILA REAL. 1087

Explicações
Pessoa devidamente habilitada lecciona a rapazes e meninas para:
Curso Comercial; 1.º Ciclo do Liceu; Exame de admissão ao Curso Commercial e Liceu; 1.º e 2.º graus da Instrução Primária; Concurso para os Correios.

Pedir informações das 8 às 10 horas e das 18 às 20 horas, na Praça de S. Tiago, 28 — Guimarães. 1065

Indústria Familiar

Máquinas rectilíneas para o fabrico de malhas exteriores e interiores em lã, algodão ou seda fabricadas pelos construtores BELGAS

Établissements Lefevre Frères

estando já algumas a trabalhar no nosso País com inteira satisfação dos seus possuidores.

Aglulhas e acessórios para estas máquinas sempre em stock

nos

Representantes Gerais para Portugal e Colónias

Alfredo Barros & Irmão

Rua de Santa Catarina, N.º 300-2.º

Telefone 28061

PORTO 1098

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA (REGISTADA) 1398

Largo do Toúral, 70 a 73 — Telefone, 4308 — GUIMARÃES

Anejo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Portuguais, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia — Previdente, Produtos "Shell", Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e EXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

BOLO-REI QUEIJO NEVADA

fina especialidade verdadeira delicia

Champanhes, etc.

SÓ NA

BOEMIA

Rua de Santo António 1078

NATAL

Siga o nosso conselho

Para comprar Gabardines, Sobretudos, Zambrenes e Trincheiras, prefira a marca Eagle. Cores garantidas. Corte elegante.

Na CAMISARIA MARTINS a CASA DAS MEIAS. 1084

■ Aquecimento
■ Ventilação
■ Secagem

1019

VICTOR PEÑALBA

Rua Passos Manuel, 183 — PORTO. TELEF., 38698.

Com versos do Cônego Dr. Joaquim P. da Rocha, acaba o Prof. José Neves, do Conservatório de Música do Porto, de compor um inspirado Cântico para o Natal para Voz, Solo e Coro com acompanhamento de Órgão ou Harmónio, podendo desde já os exemplares manuscritos ser pedidos pelo Correio para:

José Neves

Rua de Santa Teresa, 26-2.º

PORTO

ou pelo telefone n.º 21980

Bancas para ramadas

DE FERRO USADAS, de qualquer medida, vende Ernesto Ribeiro dos Santos, electricista, de Varzuela — FELGUEIRAS —

Vai ao PORTO?

Não gaste muito dinheiro. Almoce ou jante com 8\$80 no **Restaurante Lusitânia** — R. do Bonjardim, 338.

o calçado,

MINERVA

a alegria da família!

COMODIDADE
ELEGÂNCIA
MODELAÇÃO IMPECAVEL
EM TODOS OS TAMANHOS

VENDEDOR EXCLUSIVO:

Sapataria LUSO

1069 GUIMARÃES

20 ANOS

ESPECIALIZADOS NA ESCOLHA E VENDA DOS MELHORES LUBRIFICANTES, GARANTEM AS BOAS QUALIDADES DO

ÓLEO ALLIANCE

TÃO BOM COMO OS MELHORES

produzido por um dos maiores fornecedores do Exército e da Marinha norte-americanos.

Distribuidores gerais:

Sociedade de Lubrificantes e Importação Geral (SORAL), Ltd.
Importadores de óleos de lubrificação há mais de 20 anos

PORTO LISBOA
Rua Passos Manuel, 207 Rua de Santa Marta, 27-K
Telef. 2 1999 Telef. 4 7496

Agente no Concelho de Guimarães:

A. BOURBON DO AMARAL

Largo 28 de Maio — Guimarães

FERRA & IRMÃOS, L.ª

JOALHEIROS FABRICANTES 941

Execução perfeita em jóias que fabricam

RUA DE CAMÕES, 28 GUIMARÃES TELEF. 4180 P. F.
END. TELEG. FERMÃOS

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.

Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazens de Retem e Depósitos (Área coberta: 8.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS:
R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21078 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

SOCIEDADE ÓLEOS INDUSTRIAIS, L.ª

PRODUTOS QUÍMICOS PARA AS INDÚSTRIAS TEXTEIS E CURTUMES

Armazém: Largo Cônego José Maria Gomes, 39

END. TELEG. SOIL Escritório: Rua de Camões, 28

GUIMARÃES 942

Lêde e assinaí o «Notícias de Guimarães»